

# DEUS É BRASILEIRO. NASCEU NA BAÍA

Rio Carioca 26/11/48 Jacinto de Thormes

Esta visita presidencial à Baía possui, além de um caráter grandemente político, o intencionado efeito de abrir bem os olhos de todos nós para esta terra que talvez tenha dormido um sono de pedra (ou de igreja, diria eu) durante o tempo ditatorial, mas que agora de gigante deitado passa a gigante em pé com furia e dinamismo dignos desta gente de cabeça no lugar. E que cabeças! Todo mundo aqui é inteligente. Inteligentes e políticos todos. O garoto da rua, o peixeiro do mercado, o secretário do Governador, todos sabem a mesma política com voz grossa e argumentos difíceis de responder. E além disso esta é a terra mais brasileira do Brasil. Dizia-me um amigo carioca que o Brasil pode acabar aonde acabar, mas começar ele começa mesmo é na Baía.



## O QUE VI

Vi o presidente desfilar pelas ruas. O povo estava contente como criança. Aplaudia e gritava Dutra e gritava Mangabeira. Gritavam Baía e gritavam Brasil, Qualquer coisa de emocionar. Até as velhinhas baianas de Deus sabe quando, essas que ficam quietas na janela dos sobradões, até essas. Vi a comida baiana em cima da mesa, gostosa e bem arrumada, vi cariocas bebendo whisky com água de côco, vi o jornalista Paulo Filho liquidar um prato e depois outro, ele que é tão grande e bom conversador. Vi o presidente comparecer à missa do Bonfim, vi o seu automovel ser empurrado ladeira acima e por pouco não carregarem o primeiro magistrado em triunfo. Vi a grande recepção no Palácio governamental, a mais bonita, contando com a hospitalidade dos donos da casa que são das pessoas mais amáveis que conheço aqui ou em qualquer lugar. Vi a sociedade baiana e reparei na maneira íntima e anti-sofisticada deles se aproximarem para conversar. Bem humorados e falando bonito, estes baianos são do diabo. Vi as igrejas e acompanhei os que acompanharam os acompanhantes do presidente ao convento do Desterro, à igreja de São Francisco e à catedral. O senhor Pedro Calmon explicou tudo a todos, numa verdadeira Cachoeira de Paulo Afonso. Vi o petróleo (é nosso) na roupa dos que foram aos poços, vi o mar grande e verde, subi num coqueiro e machuquei o pé, vi moça moderna (maillot duas peças), virar uma jangada com jangadeiro e tudo, o jangadeiro tinha quarenta anos públicos de mar. Vi o banquete no Palácio da Aclamação, assistí almoços presidenciais, tudo sem formalidade, com esse jeito de grande família e uma cor fortemente senhorial. Vi o brigadeiro Trompowsky fazer festa a um menino descalço jogando pião. Vi Forte da Lagartixa, Baixa do Sapateiro, Mercado, tirei fotografia no "lambe-lambe" do Bonfim, mergulhei num vatapá que quase me afogou, vi um candomblé encomendado, desci a ladeira da Água Brusca e ouvi muita coisa.

## O QUE OUVI

Quando o presidente parou diante da Nossa Senhora que concedeu a graça do estalo na cabeça do padre Antonio Vieira o prof. Pereira Lira disse rindo: "Presidente, acho que deveríamos levar esta Nossa Senhora para o Rio. Muitos amigos nossos estão precisando de um estalo". Quando foi inaugurado o "Círculo Operário", obra fantástica resultante do trabalho da irmã Dulce, uma santa mulher que fez tudo arrecadando esmolas dos ricos, o governador Mangabeira fez a apresentação: "Senhor presidente, esta é a nossa santa". A irmã Dulce, comovida até às lágrimas, contou que tinha dois "pais": um era o governador e o outro o senhor Simões Filho ao que o presidente respondeu: "Pois, então agora quero ser o seu avô, que é ser pai duas vezes". Mais tarde a irmã Dulce pediu ao seu avô um donativo para a sua grandiosa obra de caridade. O pedido valeu duas vezes. Ouvei a tão amável e gentil senhora Otavio Mangabeira receber os seus convidados com as palavras mais doces, mais curiosas, que revelam a grande dona de casa baiana.

Ouvei de tudo nesta terra de Deus. O bonde fazendo curva, o discurso do deputado, a brisa que venta todas as tardes, os sinos dominicais, os anúncios de rádio, os aplausos da rua, o mar batendo nas velhas fortalezas, as pretas velhas e antigas rezando pra milagres acontecer, o cochicho da sociedade, os adversários políticos, a voz de "A Tarde", voz sonora e bem impressa. Ouvei as receitas da preta que melhor cozinha na terra, a Maria São Pedro que vive no Mercado e também a voz sumida da vovó Melania, a criatura mais antiga da Baía, com os seus olhinhos apertados, contando histórias do tempo do Império. Ao lado disso o barulho dos aviões modernos, o Hino Nacional, a melodia da fala do povo. Por incrível que pareça ouvi tudo, incluindo a voz do jornalista Calado. E calaram-me no coração os nomes de um lirismo de doer, nomes de lugares e pedras, de coisas portuguesas em luta, de escravo cantando, de senhores fumando charuto em noite de porta aberta que ninguém esqueceu.

Ladeira dos Namorados, os Barris, Barbalho, Farol da Barra, Itapuan, Forte da Lagartixa, Praia da Boca do Rio, Pituba, Feira da Água do Menino, Amaralina, Pelourinho, e tantos outros que agora esqueço. Infelizmente também em Salvador os prefeitos mudam os nomes antigos por esses monstros modernos, filhos de senhores atuais ou recém-falecidos. Isso dá uma melancolia na gente de pasmar.

(Agora mesmo vem passando pela minha janela de Hotel um alto-falante que anuncia para amanhã à noite no Campo da Graça o jogo de um team local com o Bangu do Rio de Janeiro. E explica: "Domingos da Guia, o grande jogador do mundo, estará presente com o seu malabarismo torridável!!!").